

NOITE, BOEMIA E CULTURA POPULAR EM PELOTAS (1930-1945): RESULTADOS PRELIMINARES

CARVALHO, Thaís de Freitas¹;
LEAL, Elisabete da Costa²

¹Universidade Federal de Pelotas – thaisdefreitascarvalho@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – elisabeteleal@ymail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente texto é fruto de resultados preliminares sobre minha pesquisa de dissertação de mestrado pelo Programa de Pós Graduação em História da UFPel, um estudo em fase inicial, mas que permite alguns apontamentos relevantes na discussão acadêmica.

Há alguns anos as opções de lazer vêm ganhando adeptos na linha de estudos sobre o cotidiano, reflexo das preocupações crescentes com uma História mais abrangente e disposta a percorrer os labirintos que levam à vida do homem comum. Ou seja, não é mais suficiente saber sobre política e trabalho desconectando estes campos dos demais setores do social, como a família, os amigos e a cultura. No entanto, boa parte dos estudos do cotidiano prefere manter certa distância de uma história noturna, temendo enveredar exclusivamente para a história dos crimes, da violência ou da prostituição. Felizmente esse quadro vêm abrindo espaço aos historiadores preocupados com uma história cultural da noite e, mais além, àqueles que têm se perguntado sobre a cultura popular neste segmento. Exemplos destas contribuições são os trabalhos de SOIHET (1999) e MATOS (1999). A primeira, tratando do candomblé (cujo ritual é essencialmente noturno) e seus significados para os populares nas noites do Rio de Janeiro (primeira metade do século XX), e a segunda, o contexto noturno de Copacabana, trazendo à tona os anos 40 e 50 e a maneira de viver peculiar dos boêmios, baseada nas crônicas de Antonio Maria e nas canções de Dolores Duran. A autora tece uma crítica pertinente às construções idealizadas do boêmio, enfatizando que a maior parte das produções sobre este modo de vida acabam por identificá-lo com o mundo do não-trabalho, da rejeição à disciplina e à organização familiar, sem atentar para seu caráter múltiplo.

É interessante traçar um paralelo entre a concepção de boêmio múltiplo por MATOS (1999) e a desenvolvida por BENATTI (1996) em sua pesquisa sobre boemia e prostituição em Londrina (PR, de 1930 a 1970). O autor identifica seu tipo boêmio enquanto um “anfíbio” capaz de transitar tranquila e “higienicamente” – para usar um dos termos da época – entre o mundo normatizado e o mundo do prazer.

No período de estudo aqui proposto, percebe-se a política varguista que enquadra a cultura popular nos moldes civilizados de sua cruzada pela unidade nacional. A este respeito, podemos elencar algumas outras contribuições como a de SOARES (1999), que alerta para a percepção, no século XX, da noite como um vultoso negócio e para a conseqüente necessidade de policiar e disciplinar as atividades ligadas à indústria do entretenimento. Uma moral burguesa de isolamento das áreas de lazer e da interdição do acesso a mulheres desacompanhadas permaneceu ditando as regras na noite.

Na linha de pensamento que norteou esta pesquisa estão as produções em Antropologia, mais precisamente a Antropologia Social, que busca nos questionamentos acerca de nosso presente e de nosso passado as reflexões básicas à compreensão de nossas relações e nosso pensamento. E, “embora cada cultura contenha um conjunto finito de regras, suas possibilidades de atualização, expressão e reação em situações concretas, são infinitas” (DAMATTA, 1981, p. 3). A ideia aqui é perceber como diferentes grupos sociais portadores de configurações culturais distintas vêm, a si próprios e aos demais grupos, em determinado contexto histórico. O objetivo principal é compreender de que maneira as camadas populares interagem culturalmente na construção de uma sociabilidade boêmia no espaço público da cidade de Pelotas, ao longo das décadas de 30 e 40.

2. METODOLOGIA

Para concretizar esses objetivos, a análise dos processos crime disponíveis no Arquivo Público do Rio Grande do Sul permite explorar as representações sobre o cotidiano da noite no período. De modo geral, quem trabalha com processos criminais recorre a esse tipo de fonte com grau de particularidade característico, buscando, paradoxalmente, uma ampliação da visão sobre o passado (COLUSSI, 2008). Os pesquisadores devem estar cientes de que, acompanhando os depoimentos ricos de que dispõem os processos, estão lidando com a mediação de um órgão estatal e, portanto, não estão frente a frente com a palavra dos atores sociais em sua livre expressão. No entanto, isso não significa um comprometimento total da fonte. Levando-se em conta os filtros que a Justiça impõe, é possível encontrar as representações presentes no cotidiano destes depoentes, principalmente se o pesquisador usar sua sensibilidade para perceber o uso que os populares fazem da relação com o sistema judiciário e o que este representa perante o seu grupo. Aqui salientamos o conceito utilizado por OLIVEIRA e SILVA (2005, p. 252), em que “representações são aquelas responsáveis por justificar, aos próprios indivíduos que as forjam, suas escolhas e condutas.”

A relação deste trabalho com os processos é delicada, uma vez que, para empreender uma análise que privilegia o cotidiano noturno, é preciso ler, ainda que previamente, cada processo, a fim de distinguir aqueles que apresentam ocorrências à noite. A partir da coleta de todos os processos do período relacionados ao âmbito noturno, pretende-se empreender uma análise qualitativa e então buscar na complementaridade de fontes como os jornais da época, informações adicionais para o contexto estudado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Até o momento, temos um levantamento sobre o volume de caixas de processos criminais a ser pesquisado e algumas destas já coletadas. Levando-se em consideração a organização não-cronológica da catalogação dos processos no arquivo em questão, é possível que este número seja, na prática, reduzido, pois não há como afirmar quantos processos referentes ao período proposto se encontram em cada caixa. O filtro noturno que permeia esta busca também contribui para a incerteza quanto à totalidade de processos relevantes a este trabalho, ou seja: sem uma breve leitura, é impossível afirmar quais os processos que apresentam ocorrências noturnas. Com efeito, é partindo desta breve leitura,

e necessária, que apresentamos aqui alguns aspectos observados dentre o levantamento já concluído (20% das caixas da Comarca de Pelotas correspondentes ao período).

No entanto, a seleção propriamente dita presume uma leitura mais aprofundada, uma vez que a análise qualitativa, opção adotada nesta pesquisa, prevê escolhas ligadas ao tema a que se propõe. Portanto, deixamos claro que estes são os resultados iniciais de uma pesquisa com dimensões significativamente maiores.

Dentre as observações possíveis sobre este levantamento inicial das ocorrências noturnas, evidencia-se quantidade considerável de processos por defloramento, na época uma variável que abarcava desde as acusações de estupro até casos de gravidez entre meninas menores de idade.

Para além destes casos, percebemos ocorrências que refletem um ritmo bastante intenso na vida noturna dos populares pelotenses. Alguns casos de brigas em bailes e em armazéns permitem uma visualização mais consistente da apropriação popular do espaço público à noite, conectando a cidade à cultura popular.

Estes processos são historicamente ricos, pois contêm uma dose extraordinária de elementos sobre cultura, sociabilidade, moralidade, desigualdade social e o espaço urbano pelotense no cotidiano dos populares, aspectos ligados aos objetivos esta pesquisa.

4. CONCLUSÕES

Na pesquisa em foco, procura-se evitar a oposição que inúmeros pesquisadores insistem em promover entre o âmbito social e o cultural. Penso que não há como pesquisar a cultura sem deparar-se com estratégias de ação e reflexão do social – ainda que ação e reflexão nem sempre se pautem pela mesma lógica. Portanto, seria ingênuo e sem sentido pensar um cotidiano (noturno) fragmentado, onde o âmbito cultural não agregue concepções ligadas à estrutura econômica, política e, conseqüentemente, social. Contudo, tais concepções podem revelar possíveis incoerências entre a escala macro e a micros social do contexto estudado. E é precisamente no lidar com essas incoerências que este trabalho pretende diferenciar-se.

Resquício de uma historiografia que preocupava-se em desvendar as ‘leis gerais’ do social, o comprometimento da pesquisa com lógicas pré-determinadas reduz a percepção do pesquisador, e enquadra, não raro forçosamente, os atores e suas escolhas segundo uma ordem, paradoxalmente, estática e progressiva, posto que segue parâmetros rígidos de ação.

Especificamente sobre a metade sul do Estado do Rio Grande do Sul, os estudos sobre os traços formadores de uma tradição cultural noturna que abrange, ainda hoje, elementos culturais presentes na história do Brasil enquanto nação, se justificam à medida que permitem problematizar as concepções de identidade nacional e repensar os esforços empreendidos nesse sentido, principalmente no período privilegiado pela pesquisa (1930-1945), quando é possível notar amplas medidas de nacionalização cultural não só no Brasil, como também em outros países do continente americano.

Adotando a noite como momento privilegiado deste cotidiano, têm-se a preocupação de tentar enxergar (no escuro) a parte do dia em que os trabalhadores, não-trabalhadores, anônimos e (des)conhecidos faziam-se ouvir, expressando suas escolhas e suas formas de domínio sobre seu próprio tempo.

Mostrar as variações urbanas e as apropriações do espaço da cidade neste período é também uma possibilidade de entender as alternativas da maioria neste contexto de oportunidades de diversão e expressão cultural. Nesse sentido, (re)pensar, também, as fronteiras regionais e aprofundar esta discussão pode revelar-se uma maneira fecunda de contribuir para o conhecimento de nossa própria história e conectá-la com a história do mundo, rompendo com o reinado das produções etnocêntricas e propondo novos meios de se aprender com a História.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENATTI, Antonio Paulo. **O Centro e as Margens: Boemia e prostituição na “capital mundial do café” (Londrina-PR, 1930-1970)**. 1996. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Acessado em 29 de novembro de 2010. Disponível em: <

<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/1884/24598/1/D%20-%20BENATTI,%20ANTONIO%20PAULO.pdf>>

COLUSSI, Eliane Lucia. Fontes judiciais e suas possibilidades nos estudos de poder local: os crimes de São Borja. IN: **Anais IX Encontro Estadual de História – ANPUH-RS**, 2008. Acessado em 29 de novembro de 2010. Disponível em: <

http://www.eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1212424780_ARQUIVO_resumoanpuhfontesjudiciais1.pdf>

DA MATTA, Roberto. **Você tem cultura?** Artigo publicado no Jornal da Embratel, Rio de Janeiro, 1981. Acessado em 29 de novembro de 2010. Disponível em: <

http://www.arq.ufsc.br/urbanismo5/artigos/artigos_mr.pdf>

MATOS, Maria Izilda S. Nas fronteiras da história: a cidade iluminada. IN: NODARI, Eunice et al (orgs). **Simpósio Nacional da Associação Nacional de História (20: 1999: Florianópolis) História: fronteiras** / Associação Nacional de História. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: ANPUH, 1999, pp. 959-970.

OLIVEIRA, Fabiana Luci de & SILVA, Virgínia Ferreira da. Processos judiciais como fonte de dados: poder e interpretação. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 7, nº 13, jan/jun 2005, pp. 244-259. Acessado em 29 de novembro de 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n13/23563.pdf>>

SOARES, Luiz Carlos. Por uma genealogia da noite na cultura ocidental. IN: NODARI, Eunice et al (orgs). **Simpósio Nacional da Associação Nacional de História (20: 1999: Florianópolis) História: fronteiras** / Associação Nacional de História. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: ANPUH, 1999, pp. 935-948.

SOIHET, Rachel. Populares nas noites do Rio – Candomblé e seus vários significados da virada do século a 1940. IN: NODARI, Eunice et al (orgs). **Simpósio Nacional da Associação Nacional de História (20: 1999: Florianópolis) História: fronteiras** / Associação Nacional de História. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: ANPUH, 1999, pp. 949-958.